

TRABALHO EM REDE

Uma cidade em meio à caatinga chama a atenção pelas conquistas em Educação. Brejo Santo, no Ceará, tem algumas de suas escolas entre as de maior Ideb dos anos finais do Ensino Fundamental, e não são casos isolados no município, que vem aumentando seus índices a cada ano. Nada mau para uma cidade em que quase metade da população vive na pobreza e um quarto das pessoas de mais de 18 anos é analfabeta, de acordo com o Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil. A formação continuada, com visitas periódicas a todas as escolas, é um dos principais trunfos da rede, segundo Francisco Jucelio dos Santos, coordenador pedagógico da Secretaria Municipal de Educação. Veja como a prática acontece.



FOTO TIAGO HENRIQUE



Secretaria Municipal de Educação
Brejo Santo (CE)



6,7 Ideb dos anos finais
(2015)



Francisco Jucelio dos Santos
Coordenador pedagógico da
Secretaria Municipal de Educação



Achar que o professor é o único responsável pelo sucesso ou fracasso dos alunos é simplista. Educação se faz em conjunto, com todas as instâncias envolvidas. Juntos, formamos uma rede de estudo e troca de experiências.

LADO A LADO COM O PROFESSOR

• Para planejar as formações, é preciso conhecer a realidade das escolas. Em Brejo Santo, os formadores de cada área dos anos finais e do anos iniciais da secretaria vão às 37 unidades da rede a cada dois meses para fazer as observações de sala. São 15 escolas que atendem do 6º ao 9º ano e cinco formadores para essa etapa. Já nos anos iniciais, há um para cada ano e três para a Educação Infantil.

• A equipe que faz as **visitas** é a mesma que ministra as formações, assim fica mais fácil saber o que observar em sala, planejar os estudos coletivos e acompanhar os avanços conquistados. Cada técnico assiste de duas a três aulas (em parte ou integralmente) em um dos turnos.

• Para compreender melhor as dificuldades docentes e os pontos que podem ser aprimorados, o formador segue três passos:

1. Analisar o plano de aula. “Todos os professores fazem planejamentos semanais.



Ao ver esse material, o técnico da secretaria observa o que há de interessante e, se for o caso, sugere estratégias que poderiam ser incorporadas”, conta Jucelio.

2. Acompanhar a atuação em sala.

As observações seguem um **roteiro**, que inclui uma parte de autoavaliação para ser preenchida pelos alunos e outra pelo próprio professor. Assim, o diretor entende os desafios enfrentados por esses dois grupos.



VEJA UM MODELO DE ROTEIRO
USADO POR JUCELIO
EM: [NOVAESCOLA.ORG.BR/
PRATICASDEEXCELENCIA](http://NOVAESCOLA.ORG.BR/PRATICASDEEXCELENCIA).

PARA O TÉCNICO PEDAGÓGICO

ACOMPANHAMENTO DA SECRETARIA

3. Realizar uma devolutiva com o professor.

O técnico pedagógico faz uma conversa de 20 minutos depois da aula para abordar os pontos fortes e as fragilidades do que viu. Esse retorno é essencial para que a visita não seja vista como fiscalização. Quando é algo que pode ser aperfeiçoado pelo professor durante a aula, a **sugestão** é feita na hora.

“EM UMA AULA DE INTERPRETAÇÃO TEXTUAL, NOTEI QUE SEMPRE OS MESMOS ALUNOS PARTICIPAVAM, ENQUANTO OS COM MAIS DIFICULDADE FICAVAM À MARGEM. ENTÃO, PROPUS QUE A SALA FICASSE ORGANIZADA EM GRUPOS PARA QUE TODOS TIVESSEM A CHANCE DE FALAR.”

ENVOLVENDO A GESTÃO ESCOLAR

• Para que possam acompanhar a evolução do trabalho docente em sala, a equipe da rede compartilha com os gestores escolares tudo o que foi observado e combinado, e cada um fica com uma cópia dos registros feitos.

• Caso seja identificado em sala de aula algo que não dependa somente do professor para ser solucionado, o membro da equipe da secretaria e os gestores **estudam juntos** o que pode ser feito.

“SE TEMOS UM DOCENTE DANDO AULAS PARA UM ANO EM QUE SE SINTA INSEGURO, PODEMOS ENTENDER QUE SEJA MELHOR REMANEJÁ-LO PARA UM ANO EM QUE ELE FIQUE MAIS À VONTADE.”



• Quando acabam as visitas às escolas, a Secretaria Municipal de Educação reúne os gestores para discutir as dificuldades encontradas e propor as intervenções necessárias. Com um roteiro próprio, os coordenadores escolares seguem com as observações de aula.

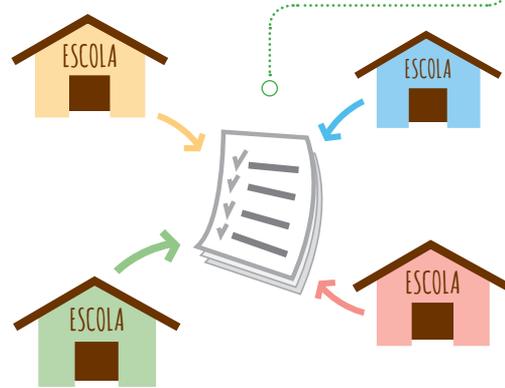
TROCA DE EXPERIÊNCIAS

• Os formadores entregam a Juclio as anotações feitas durante a visita, com os avanços e dificuldades observados. Os problemas mais recorrentes são tema de formações realizadas na secretaria bimestralmente com os professores.

• A segmentação é importante para tratar as especificidades didáticas e de conhecimento, então as reuniões ocorrem por área. Tanto em Ciências da Natureza e Matemática quanto em Linguagens e Códigos, há separação em dois grupos: um com 6º e 7º anos e outro com 8º e 9º.

• Os gestores escolares têm formações próprias, após os encontros com os docentes. Nelas, são discutidas as dificuldades diagnosticadas – sobretudo as de gestão – e intervenções são propostas.

• Em cada encontro de Brejo Santo, há um momento de **socialização dos projetos de sucesso** e das angústias entre as escolas. Assim, boas práticas são disseminadas na rede. Essa troca constante exige confiança. Então, nada do que é conversado em privado é exposto publicamente nas formações.



PARA SABER MAIS

- Materiais do programa Gestão da Aprendizagem Escolar (Gestar), do Ministério da Educação (MEC).
- *Leitura Literária na Escola: Reflexões e Propostas na Perspectiva do Letramento*, de Renata Junqueira de Sousa, Berta Lúcia Tagliari Feba (organizadoras).